

## 9. *Moris Mai*, o filme ensaio enquanto documento e criação que espelha lutas

Luísa Neves Soares<sup>1</sup>

### ***Moris Mai*, o filme ensaio enquanto documento e criação que espelha lutas**

*Moris Mai*, filme ensaio documental, atualmente em fase de pós-produção, surge enquanto um dos resultados da abordagem vivencial a Timor Leste entre 2015 e 2020, e que através do campo audiovisual acompanhou de forma comprometida e continuada a prestação de cuidados de saúde à população do interior montanhoso do país. O filme, tem por temática base a ligação da ideia do nascer de um povo e do nascer de um país. O nascer no sentido fisiológico, com todas as condicionantes e complexidades, e o nascimento de uma das mais jovens nações do mundo, marcada ainda por múltiplos desafios a resolver fruto de muitos séculos de privação recorrente, violência, conflito e reconstruções sucessivas.

Filme ensaio e criação artística, portador de uma voz própria, ativa, autoral, presente e visível. Uma voz que pretende dar a conhecer, mas também a convocar tanto a reflexão como a ação sobre uma realidade complexa que advém de um passado marcado pela subjugação a outros, pelo confronto, pela luta e por recomeços, construindo o presente todos os dias com o anseio de um futuro pleno e a conquistar em breve.

Filme-ensaio. Documentário. Nascer. Saúde. Montanha.

### ***Moris Mai*, an experimental film – creating and documenting struggles**

*Moris Mai*, an experimental film which is currently (2021) under postproduction editing, emerges as a result of a life experiences approach in Timor-Leste from 2015 to 2020, which, through audio-visual means, followed the work of healthcare providers that was continuously and committedly delivered to the population in the mountainous Timorese countryside. This film links the ideas of a community being born and a country being born, in its physiological sense, with all its constraints and complexities. Thus, this film shows how one of the newest nations in the world was born and how it is still marked by multiple chal-

---

1. Doutoranda em Estudos Artísticos – Estudos Fílmicos e da Imagem na Universidade de Coimbra, Investigadora Colaboradora no CEIS20, Bolseira FCT

lenges which stem from centuries of recurrent privation, violence, conflict and consecutive building and rebuilding.

This experimental film has its own voice, which is active, authorial, present and visible. This voice describes Timorese reality and calls for action and reflection about its complexity. *Moris Mai* shows a reality marked by a past of subjugation, conflict, struggle, and new beginnings, where people build their own present while trying to build a joyful future.

Essay film. Documentary. Birth. Health. Mountain.

### **Moris Mai, ‘filme-ensaiu’ ida nu’udar dokumentu no kriaun ne’ebé haleno luta**

Moris Mai, filme nu’udar ensaiu dokumentál, dadauk ne’e la’o hela iha faze pós-produsaun, mosu hanesan rezultadu hosi ko’alia no haree kona-ba Timor-Leste nia moris entre 2015 no 2020, no liuhosi kampu audiovizuál akompaña tulun ne’ebé fó iha área saúde ba populaun iha foho leten ne’ebá. Filme ne’e ninia baze temátika maka kona-ba hanoin ba oinsá povu ida ho ninia nasaun moris-mai no buras sa’e. Moris, dehan tuir oinsá hahoris, ho kondisaun no susar oioin, no oinsá maka nasaun ida-ne’ebé jovem liu iha mundu moris-mai iha tempu susar nia laran tatuir tempu uluk liubá ho moris-kiak, nakonu ho violénsia, konflitu no harii filafali beibeik.

Filme ensaiu no kriaun artístika, hala’o ho hanoin rasik, badinas, hakerek-na’in, tada-an no haree-belek. Lian sai hodi fó hatene maibé bolu raronak na’in sira mai hanoin lisuk kona-ba moris klean oinsá ne’ebé mai hosi tempu kotuk bainhira la’o iha ema seluk nia mahon, liuhosi hasoru malu, luta no hahú filafali, harii ohin loroloron ho hakaran ba aban-bainrua nia dí’ak no hetan ukun foun.

Filme-ensaiu. Dokumentáriu. Moris. Saúde. Foho.

### **Timor-Leste: uma reconstrução constante**

Timor-Leste foi, desde sempre, na história ocidental uma referência breve.

Vários séculos de ocupação colonial, duas décadas de ocupação violenta e um certo isolamento geográfico deixaram um legado pesado num dos mais jovens países do mundo.

Algumas das descrições internacionais (ocidentais) sobre a ilha de Timor datadas do século XIX que subsistiram ao tempo, são síncronas numa visão amarga e desiludida sobre a realidade encontrada, natural, material ou humana, muito diferente da expectativa europeia e da prática colonial vigente, onde as possessões distantes simbolizavam lugares exóticos, luxuriantes e apelativos, administrados pelos poderes “civilizatórios” de uma elite, aqui portugueses e holandeses, que a partir do século XVI impõem a sua presença e dividem território e riquezas.

Nas descrições do naturalista Alfred Russel Wallace da sua estadia de quatro meses no território colonial português em 1861 é notório o tom de desencanto e crítica, apelidando o território e a capital como “muito miserável, mesmo comparando com a mais pobre das cidades holandesas”, um local pouco saudável, rodeado de lama e insetos onde “as febres nos recém chegados se tornavam frequentemente fatais”. As montanhas eram descritas como locais estéreis, com vegetação pouco luxuriante, e as estradas como “meros trilhos entre ravinas gastas pelos cascos dos cavalos”, com clima mais ameno e agradável, mas onde admiravelmente nenhum dos Portugueses tinha construído nada, desde casas a estradas, em três séculos de permanência (Wallace, 1890, pp. 144-146).

Joseph Conrad, prolífico escritor moderno radicado em Inglaterra com uma obra ácida sobre o colonialismo europeu em África e no Oriente, passará também, décadas depois, pelo território timorense, o que transparece no conto *Victory: an Island Tale*. Díli é descrita como uma “cidade abominável” ou como “local altamente pestilento” (Conrad, 1915, p. 36).

Como tantas vezes encontramos descrito em Conrad, os entrepostos eram locais frequentes nos impérios coloniais, lugares de chegada e transação de mercadorias, sem muitas infraestruturas associadas, localizados em zonas secundárias dos territórios ocupados, locais de embarque, desembarque e transporte das matérias primas exploradas.

No caso da ocupação colonial portuguesa em Timor-Leste, poder-se-á dizer que por mais de três séculos a própria colónia era um entreposto, um local periférico, muito longe da administração central, sem infraestruturas ou construções de relevo, sem investimento visível em troca da exploração dos recursos materiais e humanos, em suma, um local de transação de sândalo, escravos e cera numa primeira fase, a que se junta café, cacau e borracha em período seguinte.

Wallace descreve:

The Portuguese government in Timor is a most miserable one. Nobody seems to care the least about the improvement of the country, and at this time, after three hundred years of occupation, there has not been a mile of road made beyond the town, and there is not a solitary European resident anywhere in the interior. All the Government officials oppress and rob the natives as much as they can, and yet there is no care taken to render the town defensible should the Timorese attempt to attack it. So ignorant are the military officers, that having received a small mortar and some shells, no one could be found who knew how to use them; and during an insurrection of the natives (while I was at Delli) the officer who expected to be sent against the insurgents was instantly taken ill! (Wallace, 1890, p. 151).

Esta ‘fotografia’ permanece atual até à viragem para o século XX, quando a necessidade de manter o território como pertença portuguesa após a definição final das fronteiras e divisão com os holandeses passa a significar um maior empenho<sup>2</sup>.

A implantação da República e a conjuntura política em Portugal faziam antever uma nova relação com as colónias no sentido de uma autonomização administrativa e progressista, mas tal não se veio a verificar.

O discurso oficial voltado para as possessões portuguesas em África e no Oriente só existirá depois do golpe de 1926 e da instauração do Estado Novo, onde um léxico imperial e colonial será utilizado na construção de um ideal de nação que se estendia *do Minho a Timor*.

Nas décadas de 30 e 40 houve ligeiro investimento central, mas com a 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial e a invasão japonesa da ilha, as infraestruturas existentes foram destruídas e perdidas entre 40 a 60 mil vidas timorenses. Só após este conflito o poder central português “acordará” para a realidade do território, uma vez mais por pressão externa.

Num ciclo de contracorrente com a realidade internacional em que a auto-determinação das colónias começa num crescendo cada vez maior, coadjuvado pelos ideais de libertação, pela paz, contra a repressão e tradição tão característicos da Contracultura, Portugal opta por fazer uma transferência do anterior discurso imperial e colonial para uma narrativa propagandística lusotropical: uma visão unificadora de todo o território nacional, em que as colónias passam a ser chamadas de províncias ultramarinas e em que a relação entre povos deixa de partir da “*função histórica da Nação Portuguesa de possuir e colonizar*”<sup>3</sup> para se basear na “*realização da vocação ecuménica do povo luso, a traduzir-se na criação de comunidades pluri-raciais plenamente integradas e estáveis, síntese harmónica de valores culturais de variada origem*” (Castelo, 2015 citando Decreto-Lei de 1961)<sup>4</sup>.

Neste contexto de um ideário lusotropical, no território timorense a propaganda do Estado Novo evidencia a reconstrução realizada após a presença japonesa, da abertura de estradas à edificação de habitações, escolas, missões, instalações sanitárias e a realização de obras públicas para infraestruturas básicas,

2. O tratado de divisão entre as duas partes, oriental e ocidental da ilha de Timor data de 1859, mas as delimitações definitivas e as fronteiras só são estabelecidas em 1904 (Figueiredo, 2004)

3. Acto Colonial, 1930, Art. 2.º: “É da essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas que nêles se compreendem, exercendo também a influência moral que lhe é adstrita pelo Padroado do Oriente.”

4. in C. Castelo, *A Mensagem Luso-Tropical do Colonialismo Português Tardio*, citando o Decreto n.º 43895, de 6.9.1961, publicado no *Diário do Governo*, 1.<sup>a</sup> série, n.º 207, de 6.9.1961, p. 1128

todas essencialmente na capital, onde residiam os ocidentais e estavam sediados os serviços, tendo no resto do território esse desenvolvimento sido muito limitado.

Cerca de duas décadas depois, a confluência da revolução de 1974 em Portugal, a turbulência política e geoestratégica na região, as ingerências internacionais e o apagamento português culminam na invasão Indonésia de Timor-Leste em 1975, em que o território volta uma vez mais a ser ocupado e destruído, agora com um grau de violência claro.

Estamos portanto perante um território que durante séculos transitou de ocupação em ocupação, de opressão em opressão, com maior ou menor grau de violência adjacente, mas sempre por ela marcado. Violência que se traduz tanto no imediatismo físico e biológico dos atos como na apropriação dos recursos próprios, na falta de acesso a bens básicos e a direitos essenciais, ao trabalho livre, à escolha em liberdade.

Douglas Kammen refere a este propósito que toda a cronologia histórica de Timor-Leste é construída com base em momentos de violência, desde a ocupação colonial, à neocolonial, ao conflito ou à resistência, existindo sempre uma “*institucionalização da coerção*” e “*uma recorrente violência política em massa*” (Kammen, 2015, pp. 4-168).

É uma nação em que a luta pela independência acompanha desde sempre a sua história e que cuja autodeterminação como país acontece finalmente em 2002, deixando no caminho percorrido um enorme rasto de gerações hipotecadas. Os sucessivos anos de ocupação e conflito foram continuamente destruindo as poucas e precárias infraestruturas do país. Recorrentemente era preciso começar de novo a reconstrução de um território, começando quase sempre do zero.

Se em todas as áreas estruturais o recomeço é penoso, no acesso à saúde torna-se espelho das questões enunciadas anteriormente. Séculos de parco investimento localizado no litoral do país que embora pequeno tem uma dispersão populacional enorme e acessos muito difíceis, fizeram com que o acesso à saúde só nos últimos anos tenha sido uma possibilidade, ainda com muitas condicionantes, mas num esforço coletivo de fazer acontecer.

É uma população habituada pela sua história a ter de ser auto suficiente, ainda muito enraizada a hábitos ancestrais de cura e tratamento (até há pouco tempo a única possibilidade existente), que hoje algumas vezes colidem com as práticas a implementar e que a educação em saúde operada em todo o país tenta fomentar.

Dados disponíveis indicam que durante a ocupação portuguesa, a construção de infraestruturas de saúde acontece tarde, com respostas limitadas e circunscritas à capital.<sup>5</sup>

---

5. “*No que se refere ao sector da saúde e assistência, o apoio de Goa às possessões da Oceania inte-*

Em 1917 é implementado pela primeira vez um serviço de saúde (*Serviços de Saúde da Província de Timor*) integrando pessoal militar e local em número reduzido.<sup>6</sup> Em 1939 o número de técnicos mantinha-se, essencialmente na capital, com algumas infraestruturas no interior, uma maternidade e mais dois hospitais (Figueiredo, 2004, pp. 621-732).

Durante os 24 anos de ocupação indonésia houve algum investimento no setor, com a instalação de postos de saúde pelo território e com a vinda de profissionais de saúde, o que ajudava fomentar a propaganda do desenvolvimento e da integração pacífica de Timor-Leste como 27.<sup>a</sup> província indonésia. Após o referendo de 1999 que ditou a vontade do povo timorense à autodeterminação, nova destruição violenta se verifica, que para além de resultar em milhares de mortos e desalojados, fez com que grande parte das infraestruturas públicas fossem destruídas e que conseqüentemente os funcionários públicos, na sua maioria indonésios, abandonassem o território.<sup>7</sup>

Em 2002 nasce um dos mais jovens países do mundo, após anos de violência, conflito e subjugação a terceiros com quase tudo para reconstruir.

### **Moris Mai: filme-ensaio e voz**

O filme *Moris Mai* (atualmente em fase de pós produção), filme-ensaio documental e autoral e projeto que alberga em si metodologias de investigação pela prática em contexto artístico da investigação doutoral em curso da autora, acontece como um dos reflexos do trabalho documental, fílmico e fotográfico realizado em Timor-Leste entre 2015 e 2020 que acompanhou de modo muito próximo a realidade da prestação de serviços de saúde à população no interior do país.

*Moris Mai* (nascer em tétum) surge da transposição para filme de uma ideia de encontro entre inícios. O ato de nascer em duas vertentes, o do nascer de um

---

*grava por vezes o envio de uma botica e de um “físico”. Mas, a maior parte do tempo, não havia no arquipélago quem tratasse as pessoas. Só em 1830, foi instalado um hospital rudimentar. [...] Com a organização do distrito autónomo, [...] a partir de 1906, a criação de um novo hospital na capital, melhoraram a assistência médica, continuando embora a restringir-se, praticamente, a Dili e às proximidades.”* (Figueiredo, 2004, p. 752)

6. Contabilizava 5 médicos, 1 farmacêutico, 1 chefe de enfermagem e 41 enfermeiros e auxiliares.

7. “ 70 percent of private homes and public buildings were burned to the ground, and almost all government archives, office equipment, and consumable materials were destroyed or removed. The majority of Indonesian public servants, who filled most senior and technical posts in the Timorese administration, left in the aftermath of the referendum, creating an extreme shortage of qualified personnel. By the end of 1999, the country had 2 power engineers and 23 doctors, and only 20 percent of its secondary school teachers remained (World Bank 1999, 14)” (J. Blum, M. Ferreiro-Rodríguez, V. Srivastava, 2019, pp 355).

povo, fisiológico e literal, e o do nascer de um país, figurado. Se o nascer no sentido biológico continua a ser um desafio em Timor-Leste, o da consolidação do país não apresenta mais facilidades.

Timor-Leste é um dos países mais jovens do mundo num duplo sentido. No seu reconhecimento internacional que acontece apenas em 2002, e na constituição global da população, com 43% dos seus cidadãos menores de 14 anos (SWOP 2019).

A sua condição de país pós-conflito conjuntamente porventura com fatores biológicos/ambientais particulares faz com que a taxa de fertilidade seja uma das mais elevadas do mundo, o que, aliado às condicionantes históricas anteriores e aos fatores culturais e religiosos potencia que cada mulher tenha um elevado número de filhos num processo que continua a apresentar inúmeros riscos.

Embora os últimos anos tenham sido animadores no caminho percorrido, Timor-Leste continua a ter uma das mais altas taxas de mortalidade materno-infantil do sudoeste asiático.<sup>8</sup>

Nascer, continua a ser uma luta travada em diversas frentes, uma batalha que ocorre diariamente e muito especialmente nas zonas rurais, onde um conjunto alargado de intervenientes atua, tentando contrariar os poucos recursos existentes, os acessos francamente difíceis, a dispersão das populações, a falta de nutrição, os hábitos enraizados pelo isolamento e falta de apoio, anos de sobrevivência e luta em privação recorrente.

O filme surge neste contexto num sentido duplo, como instrumento e ferramenta do real e como criação artística. Se por um lado é o médium escolhido para documentar e representar uma realidade, por outro é o motor assumido para uma criação visual cinematográfica e uma reflexão autoral imersiva que quer convocar o espectador a questionar o que vê e aquilo que dá por assumido ou assegurado nas sociedades em que se insere, de algum modo olhando para a parte para suscitar o todo.

É uma criação documental em que a auto-inscrição da autora é assumida, enquanto visão, reflexão e percepção pessoal de determinada realidade que é aliçada pela convivência continuada e pela partilha de tempo e quotidianos com

---

8. Em 2017 o rácio de mortalidade materna (n.º de mortes por cada 100.000 partos) era de 142 e rácio de mortalidade abaixo dos 5 anos (n.º de mortes por cada 1000 nascimentos) em 2018 era de 46. A estimativa das Nações Unidas em países desenvolvidos é de que a mortalidade materna se situa nos 12 casos para 100.000 partos e a mortalidade infantil sub 5 anos será de cerca de 9 em 1000. A agenda de Objetivos de Desenvolvimento Sustentável 2030 da ONU pretende atingir mundialmente nesta matéria um máximo mundial de 25 mortes de crianças com menos de 5 anos por cada 1000 nascimentos e um máximo de 70 mortes maternas por cada 100.000 partos.

o sujeito filmado, mas marcadamente longe de uma visão etnográfica. Ao procurar e filmar o Outro pertencente a uma cultura diferente da de origem, ao passar períodos de tempo alargados, observar e compartilhar rotinas e quotidianos, lidando com questões éticas e de representação, nomeadamente a do poder de representação, que aqui assume um papel particularmente relevante, o objetivo não é de identificar e mostrar a realidade vivida pelo sujeito filmado numa perspectiva etnográfica, de recolha de peças que possam constituir o “mosaico” de determinada realidade ou cultura, e sim o de olhar essa mesma realidade e escolher o que se quer mostrar, sendo a forma, a metodologia e a reciprocidade com o sujeito filmado variáveis, na justa medida de cada autor.

A realizadora Thrin Minh-Ha, de forma certa no seu filme *Reassemblage*<sup>9</sup> reflete exatamente sobre a sua posição enquanto autora que olha o Outro, e que reflete acerca da sua representação em filme. Aquele sobre quem não pretende falar acerca mas sim de perto: “*I do not intend to speak about. Just speak nearby.*” (Minh-Ha, 1992, p. 98).

Trata-se então aqui de uma visão pessoal, imersiva e reflexiva no universo e temática que se escolheu ver e dar a ver, de forma mediada. O filme representa uma realidade “filtrada” pela autora, e que representa um ponto de vista, objetivo no que se refere à utilização de enquadramentos e escolhas visuais, e subjetivo naquilo que se escolhe destacar ou evidenciar, tanto nas imagens como no texto ou som. Para Bill Nichols, teórico fulcral dos estudos fílmicos documentais, a voz no documentário é uma das suas características definidoras enquanto género e que representa a força e a forma como o ponto de vista autoral de quem faz o filme é transmitido ao espectador (podendo assumir diferentes metodologias ou modos): “*The voice of documentary, then, is the means by which this particular point of view or perspective becomes known to us.*” (Nichols, 2001, p. 43).

A voz, em Moris Mai, assumir-se-á de forma concreta na reflexão da autora a partir da sua vivência e partilha dos territórios e quotidianos entre 2015 e 2020. O processo de aproximação à realidade dos cuidados de saúde no interior montanhoso de Timor-Leste iniciou-se no acompanhamento, registo e documentação de uma das maiores campanhas de vacinação global da população infantil contra o sarampo, poliomielite e rubéola (esta última administrada pela primeira vez) entre Julho e Agosto de 2015, e que foi uma das primeiras campanhas realizadas até então, conseguindo vacinar grande parte da população (93%). Este processo, diário e continuado, feito em conjunto com o fotógrafo e realizador Pedro Sousa

---

9. Filme lançado em 1982 e um dos primeiros da obra da cineasta e teorizadora de origem vietnamita cujo trabalho fílmico e teórico questiona as questões de pertença e apropriação cultural, género e pós-colonialismo



Raposo e maioritariamente nos distritos circundantes ao monte Ramelau de Ainaro e Manufahi, mas também nas zonas montanhosas de Manatuto, permitiu compreender experienciando e permanecendo por um período alargado de tempo, a realidade complexa da região, a grande dispersão das comunidades, aldeias e vilas, os acessos muito difíceis, a falta de comunicações em muitos locais.

Se nos últimos anos um esforço grande tem sido feito na formação de profissionais de saúde em larga escala, primeiro com protocolos de cooperação e formação de profissionais noutros países (de que Cuba é o maior expoente), e depois com o próprio país a formar médicos, enfermeiros e parteiras em grande número, o mesmo não se aplica ao edificado, aos equipamentos e ao material médico. A realidade é que os centros de saúde, muitos deles fracamente equipados e com pouco material, estão demasiadas vezes muito distantes das populações, que para lhes aceder demora muitas horas, tantas vezes a pé ou com auxílio de animais de carga, que, em muitos locais, são os únicos meios capazes de aceder a caminhos estreitos, sinuosos, com pedras soltas, lamas e em ravinas escarpadas.

A solução encontrada, tanto pelos serviços estatais como pelas variadas organizações locais (organizações religiosas, empresas, ONG's) que prestam cuidados de saúde é levar equipas de profissionais de saúde ao encontro das populações dispersas pelo território. Não é raro, tal como pudemos vivenciar, o transporte todo o terreno ter de deixar os elementos ainda muito longe do destino, por impossibilidade de prosseguir. Daí seguir-se-ão várias horas a pé e carregando o material médico, ora por vegetação cerrada, ora atravessando cursos de água, num caminho onde se cruzam apenas homens e animais, com descidas acentuadas que terão necessariamente de ser subidas no regresso em poucas horas. Muitas vezes estas deslocações fazem-se durante a noite iluminadas com lanternas e telemóveis, para tentar evitar o calor intenso do dia. Esta é a realidade partilhada por muitos timorenses habitantes do interior rural montanhoso do país, tanto por aqueles que precisam dos cuidados de saúde como pelos profissionais (médicos, enfermeiros, educadores) na sua maioria muito jovens e que desempenham a tarefa com grande entusiasmo, num anseio evidente de ajudar a reconstruir o país.

Nascer não é portanto menos complexo. As instalações com valência de maternidade situam-se nos centros de saúde ou hospitais de referência (em toda a região existe o de Maubisse), a que as mães com gravidezes menos imprevistas conseguem chegar, pelos seus meios ou trazidas por familiares. Nas situações de emergência muitas vezes esse tempo e disponibilidade de meios não existe e não raras vezes parteiras fazem o caminho inverso através das montanhas ao encontro das mães, trazendo consigo pequenas malas com escasso material médico, muitas vezes levadas de mota por familiares das mulheres em busca de ajuda, outras vezes através das organizações no terreno que prestam cuidados de saúde

e que levam ajuda com transporte (pickup) e pessoal de saúde de forma a tentar estabilizar a mãe e se possível trazê-la até um centro de saúde próximo.

Ajuntar a estas dificuldades soma-se ainda a questão da tradição que se encontra muito presente nas questões relacionadas com a maternidade e a saúde reprodutiva, resultado de rituais seculares mas também de todo o tempo de abandono e receio por parte da população acerca dos poderes centrais, primeiro com o governo colonial português sem resposta eficaz às populações do interior, depois o opressor indonésio que causava receio e desconfiança<sup>10</sup> sobretudo nas montanhas onde a fome e a violência estavam ainda mais presentes.

Bastante foi já percorrido nos últimos anos com muitas campanhas de sensibilização e de partilha de informação sobre saúde e maternidade nas comunidades, mas ainda assim, muitas mulheres continuam a querer ter partos em casa, inclusivamente o primeiro, seguindo os rituais tradicionais e com a ajuda das mães ou de parteiras tradicionais, mulheres idosas sem conhecimento capaz de dar resposta a muitas situações e complicações. O pós-parto tradicional apresenta também riscos acrescidos para mãe e criança que permanecem muitos dias ininterruptamente em ambiente fechado e aquecido com fogo constante no interior da habitação, onde o fumo incessante potencia problemas respiratórios a ambos.

Para a realização de Moris Mai, houve o seguimento continuado da realidade materno-infantil nesta zona de montanha, tanto em contexto hospitalar/ centro de saúde como no acompanhamento às populações isoladas e dispersas, umas vezes em situação de regular consulta, outras em contexto de urgência. Acompanhámos os profissionais afetos ao Ministério da Saúde mas também outras equipas de saúde pertencentes a organizações locais, nomeadamente a equipa da Clínica Café que presta cuidados de saúde às populações em zonas produtoras de café e que tem especial incidência na saúde materno-infantil. Em articulação com o poder central, estas equipas constituem-se muito frequentemente como a linha da frente na prestação de saúde nestes territórios.

Com eles partilhámos habitação, rotinas, quotidianos, dificuldades e incertezas, num espaço de tempo alargado que apenas foi encurtado no final do processo devido à crise pandémica mundial.

---

10. O receio de uma esterilização forçada da população feminina que acesse aos serviços de saúde geridos pelas autoridades indonésias é referido muitas vezes nos relatos das testemunhas nos anos de opressão, embora não existam provas definitivas como salienta o relatório Chega CAVR (2005): *“A suspeita gerada pela abordagem autoritária no tratamento de doentes reflectiram-se na convicção generalizada da veracidade das alegações de que os indonésios estariam secretamente envolvidos numa campanha de esterilização forçada, com o intuito de genocídio. A Comissão não encontrou provas para sustentar estas alegações, mas elas ilustram o tipo de suspeita encorajada por uma abordagem autoritária na prestação de cuidados médicos, na qual o pessoal médico não sentia qualquer obrigação de informar os pacientes sobre a forma de tratamento adoptado”* (p. 168).

A experiência adquirida ao longo dos últimos anos ao filmar noutras geografias mundiais e em culturas muito distantes da de origem, nomeadamente no continente asiático e em países e regiões com dificuldades logísticas e até de segurança consideráveis, apresentou-se como um coadjuvante à forma de aproximação à realidade de Timor-Leste, tanto na abordagem aos locais como às populações.

A prática continuada de um tipo de abordagem que de algum modo se transformou em linguagem ao longo do tempo, recorre a uma presença em que o tempo é fator decisivo, numa permanência de partilha, pouco invasiva, recorrendo à observação, com o menor aparato técnico e humano possível, sem mediadores (linguísticos ou culturais) e recorrendo muitas vezes à necessidade de encontrar transporte próprio de forma a poder contornar rotas previamente estabelecidas ou duração de permanência. O acesso às situações e às pessoas é feito assim num encontro, em que as sensibilidades pessoais dos dois lados são colocadas em campo e em que o inesperado acontece muitas vezes, colocando a pesquisa em tempo real como presente ao longo de todo o processo.

A experiência aqui, como em outras geografias, é de que as situações e as oportunidades de encontro com o que se deseja conhecer e filmar acontecem muitas vezes de forma imprevista, sendo necessário ter capacidade de resposta imediata, logística, física e muitas vezes anímica.

Frequentemente, como é o caso de Timor-Leste, torna-se impossível uma preparação ou uma antecipação planeada sem estar diretamente no terreno a trabalhar diretamente com os intervenientes, sejam quem se deseja filmar, sejam as próprias organizações envolvidas, no esforço de criação e operacionalização de redes. Todo o planeamento antecipado possível foi feito em Portugal, mas como era já conhecido, só após a(s) chegada(s) a Díli foi possível, após encontros e reuniões tanto formais como informais concretizar de modo definitivo autorizações, parcerias, logística, apoios, etc. Estiveram envolvidas neste processo, entre outros, o Ministério da Saúde, a CCT<sup>11</sup>, a Clínica S. Joaquim de Maubisse e a HAI<sup>12</sup>.

Num país onde a logística apresenta já normalmente algumas dificuldades, neste interior montanhoso elas são acrescidas, desde logo o acesso aos locais, as condições climatéricas, o fornecimento de eletricidade, ou a falta de comunicação e informação partilhada, tendo os dois membros da equipa no terreno de se multiplicar em inúmeras tarefas extra para além das normalmente a si atribuídas como a captação de imagem e/ou som (condução todo o terreno e navegação, anotação e pesquisa em tempo real, interpretação linguística, etc.). Essa mesma redução de elementos de equipa foi no entanto fator primordial para permitir o

---

11. Cooperativa Café Timor – Clínica Café.

12. Health Alliance International.

acesso a determinadas situações e contextos, lidando ao longo de todo o percurso com balizas éticas e reflexões constantes sobre a representação e o poder de representação.

Num país onde a tradição patriarcal continua muito enraizada e onde a violência sobre as mulheres, sobretudo a violência doméstica continua a ser um problema por resolver, este filme olha sobretudo para elas, dando voz aos seus corpos geradores de vida, à sua força, às dificuldades que enfrentam, mas também à luta daqueles que tudo fazem para as combater, numa mediação entre a realidade e o olhar da autora.

Moris Mai apresenta-se assim como criação cinematográfica autoral e imersiva que utiliza a exploração visual e experimental dos elementos fílmicos recolhidos aliada à reflexão pessoal da autora que convoca o espectador para o submergir no universo explorado.

Usará a sua voz, na aceção de Nichols, para criar, documentar e suscitar a reflexão sobre algo tão essencial e basilar como o direito a nascer em segurança e em paz, algo que continua a não ser a realidade de tantos de nós.

Em muitos locais esta continua a ser uma batalha diária e constante, para a qual o mundo ocidental tantas vezes evita olhar de modo real e comprometido, assumindo as condições históricas, culturais e sociais das desigualdades que tantas vezes estão “coladas” às realidades como algo inevitável.

Numa altura de tantas incertezas mundiais e em que tudo é tão volátil, mutável e onde as fragilidades se tornam cada vez mais claras e evidentes, torna-se importante não perder o pé do que fomos e do que continuamos a ser, agora com outros moldes e terminologias associados, mas com as mesmas relações de força e de poder económico que sempre moldaram as dinâmicas globais e que continuam a condicionar as relações entre os povos. Estas dinâmicas, hoje, tal como ontem, continuam a ser determinantes no crescimento de uns em detrimento de outros, na rapidez desenfreada com que algumas sociedades se assumem como baluartes de direitos, garantias e possibilidades enquanto que outras caminham num esforço continuado e desigual.

Timor-Leste, fruto de uma história de conquistas e recomeços é um país com uma grande vontade e necessidade de futuro que é seu, por direito e por conquista, fruto de um passado de luta e de opressão, que se constrói hoje todos os dias como presente, e onde as novas gerações se esforçam por cuidar, nutrir, amparar e criar o que lhes pertence, os seus filhos e o seu país.



**Figura 1.**

Foto: Luísa Neves Soares.



**Figura 2.**

Foto: Luísa Neves Soares.



**Figura 3.**

Foto: Luísa Neves Soares.



**Figura 4.**

Foto: Luísa Neves Soares.

## Referências e Bibliografia

- BLUM, J\_ FERREIRO-RODRÍGUEZ, M\_ SRIVASTAVA, V. (2019). *Paths Between Peace and Public Service – A Comparative Analysis of Public Service Reform Trajectories in Postconflict Countries*. World Bank Group.
- BRAITHWAITE, J\_ CHARLESWORTH, H\_ SOARES, A. (2012). *Networked Governance of Freedom and Tyranny: Peace in Timor-Leste*. Canberra: ANU Press.

- CASTELO, Cláudia (2015). *A Mensagem Luso-Tropical do Colonialismo Português Tardio: O Papel da Propaganda e da Censura*. Lusofonia e Interculturalidade – Promessa e Travessia, ed Moisés Martins. Braga: CECS Universidade do Minho.
- CONRAD, Joseph (1915). *Victory: An Island Tale*.
- DECRETO-LEI n.º 22 465, de 11 de Abril de 1933. *Acto Colonial*. 1933.
- FIGUEIREDO, Fernando Augusto (2004). *Timor. A Presença Portuguesa (1769-1945)*. Porto: Universidade do Porto.
- KAMMEN, Douglas (2015). *Three Centuries of Conflict in East Timor*. New Brunswick. Rutgers University Press.
- \_\_\_\_ (2003). *Master-Slave, Traitor-Nationalist, Opportunist-Oppressed: Political Metaphors in East Timor*. Indonesia, Oct. 2003, No 76. New York: Cornell University Press.
- MINH-HA, Trinh T. (1992) *Framer Framed: Film Scripts and Interviews*. New York: Routledge.
- NICHOLS, Bill (2001). *Introduction to Documentary*. Indiana: Indiana University Press.
- WALLACE, Alfred Russel (1890). *The Malay Archipelago*. London: London Macmillan and Co and New York.
- UNITED NATIONS POPULATION FUND. *State of the World Population 2019*.
- UNICEF. *The State of the World's Children 2019*.